

1 Introdução

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.
(Guimarães Rosa, 1967)

O trabalho do professor tem sido considerado um dos principais vetores de transformação da organização das sociedades atuais, embora, paradoxalmente, esteja sofrendo um processo de desvalorização, desde o último quartel do século XX. Essa ambigüidade está presente no estatuto social e econômico dos professores, considerado um eixo estruturante da profissão por António Nóvoa (1991a). Se o professor tinha grande prestígio social e situação econômica digna até o meio do século passado, o mesmo não se pode falar nos dias de hoje, ainda que o ensino em ambiente escolar represente uma das esferas fundamentais da sociedade moderna na atualidade, integrando cada vez mais a cultura, a economia e a política e sendo responsável pela instrução dos seres humanos em suas mais diversas profissões.

Além do valor da profissão e dessa ambigüidade, também os números impressionam: no Brasil, existem 2,64 milhões de profissionais docentes, trabalhando em Creche, Pré-Escola, Classe de Alfabetização, Ensino Fundamental e Ensino Médio, para um total de 52,9 milhões de estudantes matriculados em 198,5 mil estabelecimentos de ensino, dos quais 82,6% são públicos e 17,4%, privados (INEP, 2007). Conhecer quem são os professores brasileiros constitui condição essencial para que se possam efetivar as expectativas ligadas à profissão, e, da mesma forma, para que se concretizem as iniciativas voltadas à valorização dos docentes.

Por sua vez, os números oficiais sobre a profissão docente em meio rural confundem. Os estudos *Estatística dos Professores no Brasil* (INEP, 2004) e *O Perfil dos Professores Brasileiros* (UNESCO, 2004) não revelam o número exato de professores que atuam no meio rural, embora o primeiro documento, como adianta o título, provê as estatísticas: 61,6% dos professores brasileiros atuam no *interior* (considerado o que não é *capital* e suas *periferias*)¹, dos quais 56,6% são homens e

¹ A questão da classificação *rural* e *urbano* será abordada à frente, mas por hora deve-se considerar que *interior* se refere aos espaços não-urbanos, mas também nos pequenos centros urbanos do interior, considerados todos como espaços de ruralidades.

62,8%, mulheres. 45,3% deles, aqui no Sudeste. Felizmente, a última produção do INEP (2006), denominada *A Educação no Brasil Rural*, diminui a confusão: há 354.316 professores atuando na educação básica do campo (contra 2.065.269 trabalhadores das áreas urbanas), que representam 15% dos profissionais em exercício no país (INEP, 2006, p. 41). São, em sua grande maioria, os menos qualificados e os que recebem os menores salários.

Nas últimas décadas, analisar o trabalho dos professores tem sido objetivo crescente de estudos realizados no âmbito das ciências da educação, estudos esses que procuram investigar a materialidade das práticas de ensino desenvolvidas pelos docentes em seus diversos e singulares locais de trabalho. O tema da formação de professores cresceu a partir da década de 1980 no Brasil e o assunto dos saberes e das práticas pedagógicas tem ocupado um lugar central nas pesquisas sobre o ensino em vários países da Europa, no Canadá e nos Estados Unidos, já a partir da década de 1990.

Tais estudos desenvolvem-se a partir de questões como *Quais são os saberes necessários para ensinar e como esses saberes são construídos e mobilizados? Tratam-se de rotinas, intuição, dom, conhecimentos e/ou competências? Como se constituem as identidades profissionais dos professores e como elas são criadas?*

Estudar e produzir academicamente sobre a profissão docente é uma tarefa a qual venho me dedicando nos últimos oito anos. A pesquisa de mestrado refletiu sobre a construção e a mobilização dos saberes dos professores que trabalham na perspectiva da Educação Ambiental (Neves, 2002). Aprendi neste estudo que as fontes dos saberes dos professores advém da história de vida, da cultura pessoal (com ênfase na cultura escolar), dos conhecimentos disciplinares e pedagógicos adquiridos na formação inicial e continuada, e, ainda, pela prática cotidiana nas escolas, ou seja, no exercício do ofício. Descobri que uma grande fonte de conhecimento dos professores é a experiência diária vivida na escola (que inclui, além da relação com os estudantes, os pares e os pais, o contato com o currículo, os programas e manuais), conclusão que corroborou estudos anteriores feitos por vários autores, dentre os quais destaco Tardif (2000).

Vale dizer que sou professora do ensino fundamental desde 1981, e que há sete anos venho trabalhando com o tema da formação de professores, seja na perspectiva da formação em serviço, nos âmbitos do sistema particular de ensino na cidade do Rio de Janeiro e de uma organização não governamental, seja na perspectiva da formação inicial, no âmbito dos cursos de Pedagogia e outras licenciaturas na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Como integrante do grupo de pesquisa *Profissão Docente: entre o estatuto profissional e o exercício do ofício*, desenvolvida no Departamento de Educação da PUC-Rio e coordenado pela professora Isabel Alice Lelis, tive a oportunidade de compartilhar de uma série de reflexões acerca da profissão docente².

A presente investigação pretende se situar no universo das pesquisas contemporâneas sobre o ensino, mais particularmente dos estudos que se interessam pelo trabalho dos profissionais docentes, sua formação e o exercício do ofício. Filia-se aos estudos que têm como linha de investigação privilegiar, por um lado, a importância dos contextos e organizações escolares, e, por outro, o realce da singularidade individual dos sujeitos.

Trata-se de um estudo de caso realizado numa escola pública brasileira, criada nos anos de 1950, pertencente à rede estadual de ensino e situada no meio rural de um pequeno município no interior do Estado do Rio de Janeiro, local onde nasci e vivi até os 18 anos, quando vim para a cidade grande cursar a faculdade³.

O que atraiu a minha curiosidade para o local foi a informação de que os estudantes daquela escola do meio rural têm tido nos últimos anos o melhor desempenho municipal no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O objetivo

2 Diferentes fontes de referencial teórico sobre o tema foram nos colocando em contato com a produção bibliográfica recente (documentos oficiais, artigos, livros, dissertações e teses), antes de partirmos para a empiria, esta realizada via entrevistas com gestores, diretores de sindicatos docentes e, ainda, na forma de questionários com professores das séries iniciais da rede municipal pública e privada da cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa visava estudar a profissão docente na atualidade a partir da divisão entre o estatuto profissional (o que é definido pelo sistema de ensino), e o exercício real do ofício (como os professores pensam o trabalho que realizam no cotidiano escolar).

3 A escola foi escolhida após a realização de um exercício etnográfico, na disciplina *Antropologia e Educação*, ministrada pela professora Tânia Dauster, como parte da minha formação no doutorado. O trabalho, intitulado *Uma escola em que o horário de estudar é o “horário de descanso”*, foi realizado durante o primeiro semestre de 2005.

daquela primeira aproximação foi conhecer a cultura daquela escola, assim como o sentido da instituição para as pessoas da região, o que poderia a me ajudar a compreender o desempenho acadêmico dos estudantes (anexo 1).

A pouca pesquisa acadêmica em escolas rurais do Brasil já seria motivo suficiente para este trabalho, de difícil realização, especialmente pelo fato de eu morar atualmente a 190 km de distância da escola. André (2000) chega a dizer que esse tema é “silenciado” entre os pesquisadores da educação. A pesquisa sobre educação rural teve uma larga produção especialmente entre 1930 a 1960, a partir de quando os estudos passaram a se concentrar, predominantemente, na escola urbana. Ela reapareceu no cenário acadêmico e político no primeiro quartel dos anos 1990, com o aumento dos movimentos sociais, principalmente com o Movimento dos Sem Terra. Mesmo assim, segundo Beserra e Damasceno (2004), a proporção média é de doze trabalhos na área de educação rural para mil nas outras áreas da educação, entre 1980 e 1990, mesmo havendo neste período um aumento do número de programas de pós-graduação no país.

O primeiro contato com essa escola revelou-me a existência de uma *cultura organizacional* (Nóvoa, 1992a) peculiar e diferenciada. Tomo cultura como uma “teia de significado” social, que segundo Geertz (1978) interfere na definição da identidade da escola. Por conseguinte, tais culturas específicas afetam as identidades das pessoas que nelas trabalham e estudam, identidades estas que, concomitantemente, ajudam a construir essa identidade institucional.

O objetivo deste estudo é analisar como os professores de diversas disciplinas de uma escola situada no meio rural (re) constroem o exercício do ofício docente, discursivamente. Para isso, busca-se conhecer

- 1) quais sentidos os professores atribuem à escola e aos estudantes;
- 2) quais sentidos atribuem a si e a seu trabalho; e
- 3) quais sentidos atribuem à prática cotidiana em sala de aula.

Desta maneira, o primeiro capítulo desta tese fornecerá alguns dados sobre os professores brasileiros, os estudos sobre o ofício e o estatuto docente, assim como sua formação. Em segundo segmento do capítulo, dei especial importância à escola e à

cultura organizacional como aspectos fundamentais no exercício do ofício docente, assim como o fato de que “os alunos representam a comunidade dentro da escola”. Por fim, a polêmica questão dos conceitos *rural* e *urbano* será abordada.

Após o primeiro exercício etnográfico, ainda em 2005, o desejo de conhecer quais seriam as características daquela experiência pedagógica responsáveis pelo “sucesso” dos estudantes foi o que me levou a estudar o ofício dos professores. Durante a realização deste ato cognitivo de “olhar” e ouvir”, para, depois, “escrever” (Oliveira, 1998), outras escolhas metodológicas foram sendo feitas, o que será apresentado no capítulo 3. Trata-se de um relato de cunho etnográfico, fruto de três anos de contato quinzenal com a escola e a comunidade. Fiz uso de todas as técnicas associadas à etnografia: a observação participante, a análise de documentos e a entrevista intensiva. No intuito de obter dados contextuais do meu universo de pesquisa, realizei um levantamento de dados sobre as famílias, que a escola não possuía, fazendo uso de um instrumento de mensuração típico de pesquisas ditas quantitativas: o questionário. Vale destacar que, além disso, me utilizei de questionários para obter os mesmos tipos de dados acerca dos professores envolvidos na pesquisa.

Ademais, uma vez que meu objetivo era descrever o ofício docente e estava referenciada na singularidade individual dos sujeitos e nos processos de apropriação das oportunidades formativas, realizei entrevistas na linha de histórias de vida, outra escolha que também será analisada, junto com os critérios de seleção dos sujeitos pesquisados. Por fim, cabe lembrar que, ao optar pelo estudo de caso de base etnográfica, tive que conhecer a importância e os limites da escolha.

No capítulo 4, apresento a “escola-da-dona-Clair”⁴, o “caso” deste estudo, quando faço uma descrição da cultura organizacional da escola. A organização do trabalho na escola é uma construção social originada das atividades dos diversos atores individuais e coletivos, que, por razões pessoais, atuam na mesma organização. Apresento o contexto local, Vista Alegre, e forneço, ainda, uma caracterização social

⁴ Como é de praxe no meio acadêmico, todos os nomes dos locais e dos sujeitos dessa pesquisa foram trocados para preservar ao anonimato, o que, desde o início, prometi a todos os sujeitos. Além desse nome, pelo qual é mais conhecido, o estabelecimento é nomeado Colégio VIOLA sigla do nome do proprietário que doou o terreno para a construção do colégio e que também serve para a identificação do mesmo: colégio Vinícius. Ou, ainda, Escola de Vista Alegre.

dos pais, a caracterização da escola, seus espaços e equipamentos, a população docente, o pessoal auxiliar e os estudantes, mostrando o histórico daquele estabelecimento escolar, seu funcionamento e os modos de interação coletiva.

O capítulo 5 aborda o ofício docente, mas com base no confronto entre a teoria apresentada anteriormente e o campo empírico. Assim, ele será apresentado em sua dimensão biográfica e contextual. O que quer dizer que as histórias de vida dos professores estudados serão comparadas, buscando-se estabelecer semelhanças e especificidades entre os sentidos que dão à escola e a seus estudantes, à sua pessoa e, ainda, à prática docente cotidiana. Isso será feito com base na técnica de análise do conteúdo e num sistema de categorias que surgiu do campo empírico. Discuto aqui a questão identitária dos professores, numa perspectiva pública e privada, usando para tal, principalmente, as lentes de Dubar (2005, 2006).

A partir das categorias centrais que emergiram das histórias de vida e do contexto de trabalho, no capítulo 6 aprofundo a problematização teórica do estudo, através do alargamento e da consolidação da base bibliográfica. Analiso, a partir das muitas disposições construídas durante a vida e as posições diversas tomadas pelos professores no contexto de trabalho (Boudon, 1989), os múltiplos modos de exercer o ofício hoje. Baseada na categorização dual de Roberto DaMatta (1997), no mundo da “casa” e da “rua”, analiso os modos de ser, sentir e viver a docência pelos professores. Encontro em Tardif (2002, 2005) e Perrenoud (1993, 1995, 2001) outros interlocutores privilegiados para esta interpretação.